

1989

Jorge Sampaio



**Cavaquismo: entre o preconceito da ordem e a personalização do poder**

*Cavaco é um autoritário como Salazar, mas sem a sua inteligência nem a sua dimensão de estadista...não há autoridade política, o que há são ministérios e o Primeiro-Ministro exerce a sua autoridade apoiando os ministros*  
(Adelino da Palma Carlos)

*O Vital Moreira, grande responsável pela Constituição que temos gramado, teve enfim a sua iluminação de Damasco e declarou urbi et orbi que o marxismo-leninismo era uma balela.*

*Piou a tempo. E tem o aval do sólido catolicismo que diz que um patifório durante toda a vida recolhe ao paraíso se se arrepende a tempo*  
(Vergílio Ferreira)

● **Da queda do muro ao fim da guerra fria** – O ano de 1989, se ousarmos hierarquizar os acontecimentos, é marcado pela queda do *Muro de Berlim*, pela realização das primeiras eleições pluralistas na URSS, pelo massacre de Tien An Men, pelas *revoluções de veludo* no Leste europeu e pela cimeira de Malta. Por outras palavras, não só vai ruindo a ordem internacional estabelecida por Yalta, como chega ao seu termo o processo da *Revolução Soviética*, essa herdeira da *Revolução Francesa*, cujo duplo centenário a França de Mitterrand procura transformar em espectáculo. É o ano das revoluções vindas do Leste. Na URSS, depois de, em 26 de Fevereiro, se dar a retirada do último soldado soviético do Afeganistão, eis que, em 26 de Março ocorrem as primeiras eleições pluralistas que, entre outras coisas, levam à eleição Sakharov, a 85% de votos em Moscovo a favor de Ieltsine e à vitória dos independentistas nos países bálticos; mais tarde, 400 deputados, assumindo-se como democratas, fundam o *Grupo Inter-Regional dos Deputados do Povo* sob a liderança do mesmo Sakharov (29-30 de Junho). Segue-se a entrada em greve de 200. 000 mineiros, iniciada a 9 de Julho, que levam Gorbatchov a ter de ceder às respectivas exigências, em 21 de Julho; não tarda que Sakharov, procure acelerar o processo, apelando a a uma greve geral a favor do multipartidarismo (11 de Dezembro). Mas depois de um confronto que tem com Gorbatchov, no Congresso dos Deputados, no dia seguinte, eis que morre subitamente a 14 de Dezembro. Enquanto isto, na Cimeira de Malta, entre Gorbatchov e Bush, ocorrida a 3 de Dezembro, é formalmente extinta a ordem internacional que havia sido criada na Conferência de Yalta.

● **A monotonia dos brandos costumes** – Em Portugal, no ano em que Raul Rego é eleito grão-mestre do Grande Oriente Lusitano, tudo parece correr em regime de brandos costumes. Porque o país do PREC é, num ápice, dominado pela vaga do *jet set* e dos *yuppies*, onde falsos aristocratas do antigamente passam a jogar ao *bridge* com os novos-ricos da especulação bolsista ou dos buracos dos subsídios estaduais. Se surgiam algumas *reformas estruturais*, como a entrada em vigor da reforma fiscal (1 de Janeiro) e a concretização da segunda revisão constitucional em Portugal (2 de Junho), para não falarmos da atribuição dos alvarás às rádios locais (6 de Março), eis que, no plano político-partidário, importa apenas referir a realização do Congresso do PS em Janeiro,

com a eleição de Jorge Sampaio para secretário-geral, onde sucede a Vítor Constâncio. No plano eleitoral, para além das primeiras eleições exclusivamente europeias, em de Junho, surgem as autárquicas, em 17 de Dezembro, onde o facto mais marcante é a circunstância de em Lisboa subir ao poder uma coligação entre PS e PCP, que leva à presidência da Câmara o secretário-geral dos socialistas. Não fora a demissão de um secretário de Estado, por suspeita de irregularidades negocistas (21 de Março), uma manifestação de polícias no Terreiro do Paço, a ser reprimida por outras polícias (21 de Abril) e confrontos entre populares e forças policiais num lugar do Minho (26 de Junho), a monotonia só seria quebrada por mais uma vitória de uma equipa de futebol em competições internacionais, desta feita no campeonato do mundo de júniores, realizado na Arábia Saudita (3 de Março).

●**Do Solidariedade às Revoluções de Veludo** – Mais espectaculares e decisivas são as mudanças nos países europeus, até então satélites de Moscovo. Na Polónia, logo em 18 de Janeiro, o poder estabelecido tem que legalizar o *Solidariedade*, em 18 de Janeiro, movimento que vence as eleições legislativas parciais de 4 de Junho. E depois da eleição de Jaruzelski para Presidente da Polónia (19 de Julho), eis que, em 24 de Agosto, o *Solidariedade* passa a governar, com a nomeação de Thadeusz Mazowiecki para Primeiro-Ministro polaco (24 de Agosto). Na Alemanha, depois de se dar a fuga para a RFA de milhares de alemães da RDA através da Hungria (10 de Setembro), Honecker, tem de demitir-se, sucedendo-lhe Egon Krenz (18 de Outubro), num crescendo que leva à *queda do Muro* de Berlim, em 9 de Novembro. Não tarda que Kohl apresente um plano em dez pontos para a unificação da Alemanha (28 de Novembro) e que os parceiros comunitários aprovem o mesmo (8 de Dezembro). Na Checoslováquia, aquele dissidente que, em 16 de Janeiro ainda havia sido preso, Vaclav Havel, depois da *Revolução de Veludo*, passa a Presidente da República, acompanhado pelo líder da *primavera de Praga*, Alexander Dubcek, como presidente do Parlamento (24 de Novembro). Na Roménia, depois dos confrontos em Timisoara, em 16 de Dezembro, desencadeia-se a revolta que leva ao sangrento derrube de Ceausescu, em 21 de Dezembro. Os problemas europeus ultrapassam em muito as questões da União Económica e Monetária e Mitterrand tenta acompanhar o ritmo, propondo em Dezembro uma confederação europeia, incluindo a URSS. Já na China, depois da morte de Hu Yaobang, em 15 de Abril, inicia-se, no dia 22 de Abril, uma ocupação da praça de Tien An Men por estudantes revoltosos, que durará até 4 de Junho, depois de um massacre promovido pelas autoridades. Se Zhao tenta contemporizar, eis que Deng opta por uma resposta de força, apenas adiada pela visita que Gorbatchov fez a Pequim em 15 de Maio. Pouco depois, a China tem um novo primeiro-ministro, Li Peng (24 de Junho). Em África Frederik de Klerk é eleito presidente da República da África do Sul (15 de Agosto) e surge a vitória da SWAPO nas eleições da Namíbia (11 de Novembro). Na Ásia, o exército do Vietname retira-se do Camboja (29 de Setembro) e na América Patricio Aylwin é eleito Presidente do Chile (14 de Dezembro), enquanto Collor de Melo conquista, pelo sufrágio, a presidência do Brasil, nas primeiras *directas*, desde 1960 (17 de Dezembro). Enquanto isto, os USA invadem o Panamá (20 de Dezembro) e é derrubado Alfredo Stroessner no Paraguai (2 de Fevereiro). Decorre, entretanto, a IX Conferência dos Não Alinhados em Belgrado (Setembro).

●**Do IRS aos telemóveis.** Entra em vigor a reforma fiscal que cria o IRS e o IRC (1 de Janeiro). Começam a funcionar os telemóveis em Lisboa e no Porto (5 de Janeiro). Atribuídos alvarás sobre as rádios locais (6 de Março). Governo aprova projecto de concurso para dois canais de televisão privada. Criada a Alta Autoridade para a Comunicação Social (15 de

Dezembro). E tudo vai acontecendo quando o situacionismo insiste em balbuciar mecanicamente o balofo discurso da modernização, invocando constantemente o mito de 1992, a meta europeia de construção do mercado único.

●**Desastres e fenómenos.** Acidente aéreo na ilha de Santa Maria nos Açores. 145 mortos (8

de Fevereiro). Desastre ecológico no rio Mondego, por descargas tóxicas (13 de Fevereiro). Vaga de frio em Portugal. Cai neve na serra do Algarve (3 de Abril). Queda de avião na Jamba, onde viajam João Soares, Nogueira de Brito e Rui Gomes da Silva (27 de Setembro).

●**Escândalos.** Depois do PCP apresentar um pedido de inquérito parlamentar à compra de um apartamento no edifício das Amoreiras, por parte do ministro das finanças Miguel Cadilhe, a Assembleia da República não o aprova (2 de Março). Partido Socialista pede a abertura de um inquérito parlamentar à ministra da saúde, Leonor Beza<sup>2</sup> (21 de Março). Costa Freire demite-se de Secretário de Estado da Administração da Saúde (22 de Março)



●**Glórias e memórias.** Portugal campeão mundial de juniores de futebol, em Riade (3 de Março). Anunciada a beatificação dos pastorinhos de Fátima (13 de Maio). Mário Soares visita Bissau, onde presta homenagem aos mortos da guerra colonial (21 de Novembro).

●**Confusões e turbulências.** Congresso do PS; eleição de Jorge Sampaio (15 de Janeiro). Libertação de Oteio (17 de Maio). Confrontos em Barqueiros, na chamada guerra do caulino (26 de Junho). Grande incêndio, que dura três dias, devasta a serra da Arrábida (10 de Julho) Maré negra assola a costa alentejana (24 de Julho). Assassinado militante do PSR por *skinheads* (28 de Outubro).

●**Polícias contra polícias.** Manifestação sindical da polícia no Terreiro do Paço. *Polícia contra Polícia*, ou o episódio dos *secos e dos molhados*, quando as forças da ordem se envolvem em autêntica desordem sem poderem invocar nem o tradicional *aqui d'el rei* nem o republicano *ó da Guarda* (21

de Abril). O Primeiro-Ministro logo declara que o sindicalismo policial está a ser instrumentalizado por *forças* extremistas, incluindo *comunistas e alguns socialistas*. Mas quando as instituições públicas caem na armadilha do anedótico é a própria confiança dos cidadãos nas suas instituições que fica seriamente abalada.

●**Segunda revisão constitucional,** permitindo, nomeadamente, a total privatização do sector estadual da economia, uma das chamadas conquistas revolucionárias, resultantes do processo de nacionalizações do 11 de Março de 1975. Corporiza-se na Lei Constitucional nº 1/89, de 8 de Julho, sendo precedida por um Acordo entre o PSD e o PS celebrado em 14 de Outubro de 1988 *com o objectivo de criar melhores condições para enfrentar os desafios da plena integração de Portugal nas Comunidades Europeias*

●**Eleições europeias** em Portugal: PSD, 32,7%; PS, 28,5%; CDU, 14,4%; CDS, 14,1% (15 de Junho).

●Nas nossas primeiras eleições gerais exclusivamente europeias, o homem comum vê-se manipulado por uma clara massificação e não tem possibilidade de discutir os reais problemas de inserção de Portugal na construção da Europa, face ao abuso do propagandismo ridículo. Todos os partidos em confronto apresentam uma espécie de modelo *pronto-a-vestir* em regime de saldos que, depois de votado, não dá direito a reclamações. Com efeito, a adesão às Comunidades Europeias continua, nesse ambiente, uma espécie de facto consumado pelos novos ventos de uma história que tanto nos é servida à maneira do *paraíso terrestre da árvore das patacas*, como pelo *inferno dantesco* da nossa dependência, mas sempre como algo que nos é estranho.

●**Eleições autárquicas.** Destaca-se a vitória de Jorge Sampaio em Lisboa, à frente de uma coligação do PS com o PCP. O PS é o partido que obtém o maior número de presidências de câmaras (17 de Dezembro).

●**O cavaquismo** – Vamos vendo passar ao largo as modas do *neo-liberalismo* e da *perestroika*, contentando-nos com a hipocrisia de uma *social-democracia* que é *liberal*, de um *centrismo* que é de *direita* e de uma *esquerda revolucionária* perfeitamente *conservadora* de uma forma política que nunca correspondeu ao conteúdo. Misturando o pior do *capitalismo* com o pior do *socialismo*, isto é, a mentalidade bancária e o *comunismo burocrático*, gerámos assim uma

economia *mística*, onde ora se é liberal quando o Estado manda pagar impostos, ora se clama contra a livre concorrência, quando se pretendem ajudas ou isenções estaduais. O modelo passa a ser o *homem de sucesso* que enriquece, essa nova versão dos *patos bravos* que troca as Avenidas Novas pelo complexo das Amoreiras.

● **A nova religião da modernidade e do desenvolvimento** – O português médio, apesar de não poder ser incluído no conceito europeu de classes médias, isto é, aquele que votou sincera e sucessivamente no PS de Mário Soares e no PSD de Cavaco Silva, ainda pode trazer nos braços tatuagens da guerra de África, uma marca na memória e no corpo que quase sempre o libertou da sociedade rural e o lançou no mundo destribilizado do urbanismo e da modernidade. Entusiasmou-se com o 25 de Abril e acreditou na mudança prometida, sonhando num mundo novo para os filhos, aqui neste cantinho à beira mar plantado. Filho de um Portugal Velho pertence àquela geração que tem a ilusão de servir de ponte para os novos tempos. Ele é o hímus onde cresce a nova religião da modernidade e do desenvolvimento, cujos sinais começam a manifestar-se tanto nos novos hipermercados como no discurso de Cavaco Silva. Porque o que sucede de profundo nestes anos da segunda metade da década de oitenta tem a ver com a recepção algo requentada do fenómeno das *sociedades de consumo*, dessa nova forma de *sociedade de massa* que faz diluir a pessoa na anomia. O poder dominante, filiado ideologicamente na trindade do progressismo, do positivismo e do cientismo tem para gerir um universo sociológico onde predomina o indiferentismo em matéria política. O mesmo português médio, que viveu a revolução politizando-se abruptamente, assimilando as ideologias através de *slogans* e aderindo partidariamente conforme os apetites da moda, sente-se cada vez mais cansado de política. Volta a dizer que a política dele é o trabalho e que ela deve ser reservada para os políticos. Mais do que isso: mostra-se empenhado em dar força àqueles que mais parecem estar contra os partidos. Contudo, é este português médio que constitui o núcleo essencial da chamada opinião pública. Uma caprichosa donzela com direito à imaginação e que está disposta a apoiar aqueles que melhor conhecem os meandros da respectiva psique e que mais parecem satisfazer as manias que gera. O poder estabelecido, conhecedor destas realidades, sabe, contudo, utilizar a técnica social adequada ao estado da imaginação popular. A maioria cavaquista é, assim, expressão directa dessa apatia do homem médio face à política e, muito particularmente, face à política partidária. E o poder estabelecido sente-se satisfeito com esse *reino da equivalência generalizada*. O situacionismo sabe como ninguém que, como dizia Pareto, *para agir sobre os homens os raciocínios têm necessidade de se transformarem em sentimento*. Sabe que tomou o poder porque tomou a palavra. Porque encontrou o discurso adequado para o homem médio português. O poder estabelecido sabe comunicar com os portugueses que temos, ávidos de uma vida melhor e por isso predispostos a sufragar os símbolos da modernidade e do desenvolvimento. O poder prestidigitador manipula a palavra e tem um chefe feito à imagem e semelhança das respectivas necessidades. Um chefe que até sabe usar o principal instrumento para a propagação da palavra: a informação televisiva. A partir de então pouco há que contar no plano das peripécias políticas domésticas. A estabilidade política do cavaquismo, depois de entrar na rotina faz-nos regressar ao movimento dos *melhoramentos materiais*, como havia sido timbre do fontismo. Chega mesmo a ultrapassar-se este processo através de um certo cabralismo, quando o PSD gera uma espécie de *Estado Laranja*. Agora dá-se a invocação de uma *política* que parece ser *contra os políticos* e de uma *ideologia* que parece ser *contra as ideologias*. Deste modo, Cavaco Silva, cultivando a imagem do *self made man* consegue atrair as simpatias de um país rural que quer avançar para a cidade; por outro lado, invocando o utilitarismo do *homem de sucesso* dá cobertura a um fundo tradicional de *aventura e pragmatismo*. A face dinâmica do liberalismo, do cabralismo, do fontismo, do salazarismo e do marcelismo, sem perder-se o aspecto festivo do *socialismo de consumo*, consagrado pelo abrilismo e aderindo à *Europa conosco* do soarismo, permitem, deste modo, a construção de um novo modelo social, político e económico. Com ele chega definitivamente o capitalismo, mas sem a *lei da selva*, dado que se continua a assentar na lógica de um *Estado-Providência* e de uma economia mista. Nem sequer são comprimidas ou banidas as liberdades. Mas outra face da moeda está na degenerescência dos costumes, desde a crescente evasão fiscal à corrupção, desde um clientelismo ingente à pobreza intelectual dos quadros políticos.

● **Reformas estruturais e brandos costumes** – Em Portugal, tudo parece correr segundo o regime decadentista dos brandos costumes. Surgem, com efeito, algumas *reformas estruturais*, como a entrada em vigor da reforma fiscal (1 de Janeiro), a criação do IRS e do IRC, bem como a concretização da segunda revisão constitucional (2 de Junho), para não falarmos da atribuição dos alvarás às rádios locais (6 de Março) e, sobretudo, da entrada em funcionamento dos telemóveis em Lisboa e Porto (5 de Janeiro). No plano político-partidário, importa apenas referir a realização do Congresso do PS em Janeiro, com a eleição de Jorge Sampaio para secretário-geral, sucedendo a Vítor Constâncio. No plano eleitoral, para além das primeiras eleições exclusivamente europeias, em de Junho, surgem as autárquicas, em 17 de Dezembro, onde o facto mais marcante é a circunstância de em Lisboa subir ao poder uma coligação entre PS e PCP, que leva à presidência da Câmara o secretário-geral dos socialistas. Não fôra a demissão de um secretário de Estado, por suspeita de irregularidades negocistas (21 de Março), uma manifestação de polícias no Terreiro do Paço, a ser reprimida por outros polícias (21 de Abril) e confrontos entre populares e forças policiais num lugar do Minho (26 de Junho), a monotonia só seria quebrada por mais uma vitória de uma selecção de futebol em competições internacionais, desta feita no campeonato do mundo de juniores, realizado na Arábia Saudita (3 de Março). Nomes de jogadores como os de Figo ou Rui Costa irão levar o nome de Portugal à *aldeia global* da informação, onde, apesar de tudo, também conseguem furar o cerco grupos musicais como o *Madre de Deus* ou a cantora Dulce que, assim, sucedem, no plano identitário, a Eusébio e a Amália Rodrigues, confirmando-se a tese de Karl Deutsch, segundo a qual os povos são *comunidades de significações partilhadas*.

● **O hibridismo** – Em Portugal, o contrário do monismo unidimensionalista ainda não é um efectivo pluralismo, mas uma forma mitigada deste tipo de categoria: o hibridismo, marcado pelo certo estado de espírito de certo *bonus paterfamilias* que, conforme o provérbio, não gosta de *pôr os ovos todos no mesmo cesto*. Esse homem comum do chamado eleitorado flutuante, o mais requestado em todas as campanhas eleitorais, transforma-se na tal caprichosa dama que, em termos de opções eleitorais, costuma praticar, além da bigamia estrutural, certos actos de conjuntural adultério com terceiros. Esse novo *zé-povinho* posterior à adesão à CEE, se tem dois amores permanentes, não deixa de, por vezes, ser seduzido por um terceiro, num manifesto estilo poligâmico. Ele gosta do espírito bonacheirão do Presidente Mário Soares; aprecia o voluntarismo com laivos arrogantes de Cavaco Silva, mas não deixa de adorar certa *imaginação ao poder*, como é representada por Francisco Lucas Pires. Foi assim com a primeira eleição de Soares, contra a indicação de voto de Cavaco Silva em Freitas do Amaral. Volta a sê-lo em 19 de Julho de 1987, onde as listas europeias lideradas por Lucas Pires conseguem 11% dos votos que nesse mesmo dia dão a maioria absoluta a Cavaco Silva. De certa maneira, mantém-se o processo em 18 de Junho de 1989, onde Lucas Pires obtém o essencial da fidelidade anterior e onde Cavaco Silva não consegue evitar a descida do PSD, liderado por António Capucho. E não tardará que se atinja a quase unanimidade com Cavaco Silva a apoiar a reeleição presidencial de Mário Soares e com Francisco Lucas Pires a pedir inscrição no partido de Cavaco Silva, tudo em nome dos altos valores da *pátria* e da *Europa*. Esta tridimensionalidade surge também na divisão político-partidária, onde, para além do Partido Comunista, situado nas raiais de um fundamentalismo quase religioso, surge um PSD, maioritário na direita sociológica, em oposição moderada com um PS, na esquerda não fundamentalista. Mais do que bipolarizações ou coabitações, existem em Portugal sucessivas tripartições, geradoras de um hibridismo sistémico, dado que a heresia do terceiro pólo enfraquece os dois mais directos concorrentes. Se a existência daquilo que Lucas Pires representa é o principal obstáculo do PSDS, também a resistência do cunhalismo é um dos principais impedimentos do PS. E a estabilidade apenas surge quando um destes *outsiders* ou é esmagado pelo pólo dominante, como aconteceu com o CDS em 1987, ou prefere submeter-se voluntariamente, como sucedeu com o apoio do PCP a Mário Soares durante a episódica unificação do *povo de esquerda*, na segunda volta das presidenciais.

● **O neo-corporativismo** – Se o hibridismo é claro na zona mais exposta do poder político, também não o deixa de ser na que o influencia fortemente. Se, durante séculos, os herdeiros da nobreza e do clero, que eram a Igreja Católica, a Universidade e as Forças Armadas, se

mantiveram como pedras básicas no jogo do poder, com o advento do chamado *mercado político*, assiste-se a uma crescente grupusculização de novas *forças vivas*. Os autarcas, por exemplo, nascidos no seio da partidocracia, vão-se destacando gradualmente das entidades progenitoras, chegando, nalguns casos, a transformar certas zonas partidárias em autênticos satélites da respectiva capacidade operacional. Outra corporação, com ampla capacidade de pressão é a do chamado *quarto poder*, o grupo de jornalistas e homens de letras do *status*. Trata-se de uma outra forma de situacionismo que assumirá novas dimensões, depois da privatização dos *mass media* estatizados, muito particularmente pela ligação que será estabelecida com novos grupos económicos. Entretanto, alguns outros grupos vão ganhando consciência que a única forma de sobreviverem nestas novas regras do jogo da *selva social*, como se manifesta nas reivindicações subversivas dos funcionários públicos que se assumem como *corpos especiais*. Depois do exagero da politização revolucionária e do seu inverso, o chamado pragmatismo tecnocrático, que tanto prestígio deu ao primeiro cavaquismo, o nosso *apaziguamento ideológico* transforma a *jovem democracia* num efectivo neo-corporativismo. Falta apenas que o patronato se estabilize numa ampla união de interesses económicos, onde o instinto de unidade seja superior ao actual ritmo de concorrência desleal entre os cristãos-novos da economia. Quando este potencial influenciador se deixar de guerras suicidas e decidir aplicar o respectivo *saber-fazer* nas águas do mercado político, então, o hibridismo passará a constituir a matriz da regra do jogo e a *vox populi* deixará de ser a *suprema lex* da democracia portuguesa.

 **Da esquerda**
**Partido Social Democrata**

• Depois da morte de Sá Carneiro, Pinto Balsemão é eleito Presidente do PSD pelo Conselho Nacional. (13 de Dezembro de 1980).

• No VIII Congresso do PSD, vitória de Francisco Pinto Balsemão (dias 20, 21 e 22 de Fevereiro de 1981), mas oposição interna consegue eleger um terço dos membros do Conselho Nacional (a lista é liderada por Eurico de Melo e Cavaco Silva; os balsemistas, por Leonardo Ribeiro de Almeida e Mota Amaral).

• No IX Congresso do PSD no Porto, com reeleição de Pinto Balsemão (dias 5 e 6 de Dezembro de 1981). Mas a assembleia da área metropolitana de Lisboa do PSD presidida por Cavaco Silva critica a liderança de Pinto Balsemão, considerando-a *cinzenta e frouxa* (11 de Junho de 1981).

• Mota Pinto reinscreve-se no PSD, seis anos depois de ter abandonado o partido e depois de se assumir como mandatário da candidatura presidencial de Soares Carneiro (18 de Junho de 1981).

• No X Congresso do PSD em Montechoro (dias 25 a 27 de Fevereiro de 1983). Balsemão é substituído por uma direcção colegial, com Nuno Rodrigues dos Santos, a presidente, e uma *troika* constituída por Nascimento Rodrigues, Eurico de Melo e Mota Pinto. Balsemão, segundo então se dizia, vai de vitória em vitória até à derrota final. Na votação para o Conselho nacional, espelha-se a divisão: lista de Mota Amaral, 11; a de Barbosa de Melo, 11; a de Helena Roseta, 44; a de Santana Lopes, 2; a de Menêres Pimentel, 2.

• Mota Pinto vence Congresso do PSD de Braga, em 25 de Março de 1984, reforçando as suas posições. Cresce a moção Nova Esperança, de Marcelo Rebelo de Sousa, José Miguel Júdice, Durão Barroso e Santana Lopes. Não se define o candidato presidencial do partido.

• Mota Pinto demite-se do Governo e de Presidente do PSD (5 de Fevereiro de 1985), sendo substituído no dia 10 por Rui Machete.


• No XII Congresso do PSD, em 19 de Maio de 1985, perante a candidatura de João Salgueiro, apoiada pelo situacionismo dos defensores do Bloco Central (nomeadamente Mota Amaral), aparece, de forma surpreendente, Aníbal Cavaco Silva.

• O candidato de Boliqueime que, segundo as suas próprias palavras teria ido à Figueira para *fazer a rodagem do automóvel*, apresenta-se como intransigente opositor do Bloco Central.

• Como factor surpresa adicional surge o facto de apoiar a candidatura presidencial de Diogo Freitas do Amaral que, entretanto, já havia sido desencadeada por figuras como Daniel Proença de Carvalho e Carlos Macedo.

• Cavaco tem o apoio do grupo de Lisboa, com Marcelo Rebelo de Sousa, José Miguel Júdice, Pedro Santana Lopes e Durão Barroso e escolhe Fernando Nogueira como principal colaborador. Neste congresso é eleito presidente da comissão política, vencendo a lista de continuidade liderada por João Salgueiro.

• PSD rompe a coligação governamental, em 4

**Para a direita** 

• A expressão liberal constitui um qualificativo que se aplicou a uma determinada situação histórica apenas depois desta ter sido instituída. Segundo Fernando Pessoa, numa definição modelar, abrange aquela *doutrina que mantém que o indivíduo tem o direito de pensar o que quiser, de exprimir o que pensa como quiser, e de pôr em prática o que pensa como quiser, desde que essa expressão ou essa prática não infrinja directamente a igual liberdade de qualquer outro indivíduo*. Apesar de Napoleão ter usado a expressão *libérale* na proclamação de 10 de Novembro de 1799 (19 de Brumário), ela só foi consagrada após a revolução de Cádiz, de 1811. Com efeito, Napoleão, qualifica como tal os *idéologues*, os sensualistas, como Cabanis e Destutt de Tracy, proclamando *les idées conservatrices, tutélaires, libérales, sont rentrées dans leur droit*. Assim, os *wighs* ingleses passam a ser conhecidos, a partir de 1816 pelo castelhanismo de *british liberales*, até que em 1840 o partido recebe a designação de *Liberal Party*.

• Com efeito, apesar das inequívocas origens doutrinárias anglo-saxónicas e setecentistas, a expressão *liberal* teve um baptismo hispânico. Importa sublinhar este pequeno pormenor histórico para lembrar a todos os que continuam embalados na vaga de um doutrinário liberalista, por vezes demasiadamente estrangeirado, que também há, entre nós, enraizadas tradições liberais. Referimo-nos não apenas ao liberalismo institucional que vigorou em Portugal de 1834 a 1926, mas também ao fundo liberal *avant la lettre* que marcava a nossa Constituição histórica anterior ao absolutismo, bem como aos próprios rastos liberais que permaneceram no regime do Estado Novo e que o desirmanaram dos totalitarismos fascista e nazi.

• O modelo liberal é bem mais amplo do que aquilo Gournay consagrou como o *laissez faire, laissez passer*. A que Galliani retorquiu com *le monde va tout seul*, e Mercier de la Rivière compôs como *propriété, sûreté, liberté, voilà tout l'ordre social*, para D'Argenson cunhar o *ne pas trop gouverner*.

Estes lemas traduzem o programa reformista dos fisiocratas, que se assumiam contra o chamado *furor de governar* dos mercantilistas, visando um modelo de mero *État Gendarme*. Aliás, num célebre episódio, Quesnay, quando consultado pelo Grande Delfim de França, filho de Luís XIV, sobre o que deveria fazer quando fosse rei, respondeu: *Senhor, eu não faria nada*. Perguntado sobre quem governaria, acrescentou: *As Leis*, referindo-se, não aos decretos estatais, mas sim às leis naturais.

Mas este não fazer nada, este não governar, tem a ver, sobretudo, com a defesa das liberdades económicas, nomeadamente a de circulação de mercadorias, contra o regulamentarismo, dado que os fisiocratas não se assumiam como defensores da liberdade política, sendo adeptos daquilo que qualificavam como *despotisme légal*.

• O fundamento do legado político ocidental está, sem dúvida, no humanismo

de Junho de 1985, depois de reunião de Soares e Cavaco Silva, onde este se propõe avançar com os pacotes laboral e agrícola (12 de Junho de 1985).

- Cavaco vai vencer sucessivas eleições, primeiro por maioria relativa e depois por maioria absoluta, criando aquilo que muitos qualificam como o *Estado Laranja* assente em várias zonas socialógicas, ditas do *cavaquistão*.

- Acordo PS-PSD para a revisão constitucional, depois de negociações entre Fernando Nogueira e António Vitorino (14 de Outubro de 1988).

- O cavaquismo foi conseguindo escrever direito por linhas tortas. Perante um partido que vivia em regime de dupla personalidade, com um pé no Bloco Central e outro na Aliança Democrática, Cavaco Silva descobriu o ovo de Colombo de desfaldar bandeiras contraditórias, conforme as circunstâncias. No Congresso da Figueira da Foz acenou com o fretismo e, logo a seguir, nas eleições legislativas de 1985, assumiu-se como verdadeiro herdeiro da AD, ungido pelo facto de ter sido o primeiro dos respectivos ministros das finanças, insinuando que o verdadeiro e bom CDS estava com ele e, de certa maneira, conseguiu transformar essas legislativas numa espécie de primeira volta das presidenciais.

- Depois de chegar ao governo e a partir do momento em que Freitas perdeu as presidenciais, optou por uma estratégia isolacionista que, desvinculando-se da derrota presidencial, procurou crescer à esquerda, partindo do pressuposto que a direita era terra conquistada. Daí os apelos à esquerda moderna, os elogios de Eduardo Prado Coelho, os convites ao Clube da Esquerda Liberal, a rédea solta de Carlos Pimenta e certo folclore culturalista.

- A estratégia compensou. A mistura de Nicolau Maquiavel com as novas tecnologias da informação teve como resultado uma maioria absoluta que misturou certa extrema-direita sociológica com algumas faixas do eleitorado da APU. Muitos reaccionários da velha guarda enfeitaram-se de modernidade e antigos revolucionários acenderam velinhas ao sistema. Misturou-se o "tudo e o seu nada", desde o anarquismo ao quanto pior melhor ao eterno conformista, marcado pela "doença da ordem".

#### **Frente Republicana e Socialista**

- Coligação do PS, UEDS e ASDI instituída em 10 de Junho de 1980. Reclama-se do socialismo democrático e da social-democracia.

- A ASDI tem, então, como figuras de proa Magalhães Mota, Sérulo Correia e Guilherme de Oliveira Martins.

- A UEDS mobiliza o grupo de Maria de Lurdes Pintasilgo, nomeadamente Teresa Santa Clara Gomes.

#### **Esquerda Liberal**

- Na Primavera de 1985, surge a revista *Risco*, dirigida por membros do clube da esquerda liberal, dominados por antigos militantes da extrema-esquerda, onde se destaca o ex-militante da UDP e futuro intelectual neo-conservador e neo-congreganista, João Carlos Espada. É então feroz popperiano, antes de se assumir como o novo *guru* de filosofia política da Universidade Católica, pela via da sua ascensão no grupo da revista *Análise*

individualista, naquela concepção do mundo e da vida que radica naquela perspectiva estóica que concebe o homem como coisa sagrada e vai levar ao entendimento do mesmo como fenómeno que nunca se repete. Essa ideia básica do homem como *in+diviso*, como substância.

- Utilizando as categorias inventariadas por William Ebenstein, podemos elencar as seguintes marcas da postura liberal. Em primeiro lugar, o experimentalismo maiêutico, onde a verdade são sucessivas tentativas de procura da verdade. Em segundo lugar, a ideia de racionalidade, onde *o único princípio de actuação que governa todas as coisas é estar de acordo com os princípios racionais e com os objectivos racionais*. Em terceiro lugar, a perspectiva instrumental do político, visionando-se todas as organizações dos homens, da *polis* ao Estado, como meros mecanismos que devem ser utilizados para servirem fins mais elevados. Em quarto lugar, a consideração de que na base de todas as associações humanas tem de estar a vontade de cada indivíduo com a conseqüente perspectiva do político como produto do consentimento. Em quinto lugar, o entendimento do direito como algo que existe antes do político e não como um produto do político, ideia que conduz às actuais concepções do *Estado de Direito*, como aquela forma de organização do político que entende o direito como o fundamento e também o próprio limite do poder. Em sexto lugar, a rejeição da perspectiva que proclama que os fins justificam os meios, dado que os fins *não têm uma existência independente dos meios empregues para os alcançar, mas, pelo contrário, são constantemente moldados por eles*. Em sétimo lugar, a consideração que a discussão e a vontade expressa são os meios típicos pelos quais uma sociedade resolve diferenças de pontos de vista, servindo para solucionar os próprios conflitos de interesses. Finalmente, a concepção inevitável da igualdade básica de todos os seres humanos.

- É esta a perspectiva que leva um Alexis de Tocqueville (1805-1859) a proclamar que *o indivíduo é o melhor juiz do seu próprio interesse, não tendo a sociedade o direito de intervir nas suas acções a não ser quando se sente lesada por elas ou quando tem necessidade do seu concurso*. Porque só se conhece um processo para impedir que os homens se degradem: *é o de não conceder a ninguém um poder absoluto, susceptível de nos envilecer, pelo que o processo mais eficaz, e talvez o único que resta, para interessar os homens pelo destino da sua pátria, é levá-los a participar no Governo*. Tal como proclamava Agostinho da Silva, *todos os homens de todos os povos tendem naturalmente a preservar acima de tudo o seu direito de ser, isto é, de ser o que na realidade são, com o mínimo de intervenções dos poderes ou das coacções que por acaso sejam necessárias para que funcione o organismo social*.

Pensamos principalmente nas linhas de força fundamentais dessa concepção do mundo e da vida que entende o indivíduo dotado de autonomia e de independência, isto é, que possui tanto uma capacidade



*Social* e graças a fortes financiamentos norte-americanos.

•O grupo, onde também gravita José Pacheco Pereira, tratou de inventar uma direita liberal para polemizar e escolheu como representante desta alguém com quem os mesmos conviviam enquanto investigadores e colaboradores do Gabinete de Investigações Sociais e da revista *Análise Social*, uma espécie de estufa de desmarxização, onde outrora se transformara o corporativismo em progressismo cristão. Começava assim a desenhar-se mais uma das linhas da direita que convinha à esquerda e vice-versa, numa espécie de Bloco Central mental, onde o estilo de sacristia superava a resistência da maçonaria simbólica e da direita tradicional, onde Adérito Sedas Nunes vencida António Sérgio e a União de Interesses Económicos afastava em definitivo os irrequietos integralistas.

#### Partido Renovador Democrático

•Surge em 23 de Fevereiro de 1985, pouco antes de Eanes convocar eleições antecipadas (27 de Junho). Obtém 18% dos votos nas eleições de 6 de Outubro de 1985.

•Apoia a candidatura presidencial de Salgado Zenha.

•Em 19 de Outubro de 1986, Ramalho Eanes assume a presidência do partido. O partido



apresenta moção de censura ao governo de Cavaco Silva em 3 de Abril de 1987, antes do novo presidente, Mário Soares, dissolver a Assembleia da República (28 de Abril de 1994). Nas eleições de 19 de Julho de 1987 desce para 4,9%. Na convenção de 29 de Maio de 1987, Eanes demite-se, sucedendo-lhe Hermínio Martinho. Lançado o PRD na Convenção de Tróia (23 de Fevereiro de 1985). Surge pouco antes de Eanes convocar eleições antecipadas (27 de Junho). Obtém 18% dos votos nas eleições de 6 de Outubro de 1985. Apoia a candidatura presidencial de Salgado Zenha, contra Mário Soares. Em 19 de Outubro de 1986, Ramalho Eanes assume a presidência do partido. O partido apresenta moção de censura ao governo de Cavaco Silva em 3 de Abril de 1987, antes do novo presidente, Mário Soares, dissolver a Assembleia da República (28 de Abril). Nas eleições de 19 de Julho de 1987 desce para 4,9%. Na convenção de 29 de Maio de 1987, Eanes demite-se, sucedendo-lhe Hermínio Martinho. Em 2 de Junho de 1991, o partido passa a ser liderado por Pedro Canavarro. Emitido o manifesto *Para um aprofundamento da democracia* (15 de Março de 1983). Subscrevem-no Henrique de Barros, Medeiros Ferreira, Manuela Silva e Maria de Lurdes Pintasilgo. Trata-se de uma espécie de apelo à intervenção de Eanes no espaço partidário. Eanistas promovem em Coimbra um encontro comemorativo da reeleição do General (15 de Janeiro de 1984). O presidente declara não ser co-reponsável pela actuação do governo e abre a porta à criação de um novo partido. Encontro de eanistas em Tomar, onde se proclama a frustração face à *não concretização das esperanças do 25 de Abril* (6 de Maio de 1984). Anuncia-se a formação de um partido eanista, na sequência de reunião de 120 apoiantes do presidente, ocorrida em

interior que lhe permite uma racional autodeterminação como uma espécie de soberania que o faz ser um actor separado dos demais como entidade indiluível no todo.

•Este individualismo tem origens remotas em Sócrates, nos epicuristas e nos estoicos, que definiram a circunstância do indivíduo ter a sua razão de ser, não numa relação social, mas na relação de cada um consigo mesmo, isto é, com a respectiva consciência. Foi sobre esta base que o cristianismo reforçou o processo da interiorização, proclamando a existência de uma alma pessoal, livre e singular, com o homem a ter que procurar, por si mesmo, a salvação pessoal.

•Essas raízes, depois de se desenvolverem com a Renascença e o jusracionalismo, deixaram o domínio das teorias e transformaram-se numa prática de valores, principalmente, a partir do século XIX, tornando-se um elemento tão estruturante da nossa normalidade quanto o ar que se respira.

•Com efeito, o *individualismo* ocidental de matriz estoica partiu do princípio que o homem era a *substância* e que a *polis* não passava de mera *circunstância*. Que no princípio, e no fim, estava o homem e que, só depois do homem, vinha a cidade. Nisso se sintetiza o *legado político* fundamental do nosso humanismo, onde *cada homem* se considera como *uma coisa sagrada*, o *homo*, *hominis res sacra* de Séneca, e que também conduziu ao universalismo da consideração de todos e cada um dos homens como *cidadãos do mundo*, como membros de um só destino, *a sociedade do género humano*. A partir de então, os homens descobriram que todo o *dever-ser* constitui mero *transcendente situado*, a que qualquer um pode aceder através da *recta razão*, se tentar a *estar de acordo consigo mesmo*, libertando-se dos constrangimentos, nomeadamente das paixões.

•Desta concepção de indivíduo brota naturalmente a ideia de que é o homem que faz a história, contrariando a clássica concepção providencialista e o contemporâneo modelo do *processo histórico* hegeliano ou marxista. Com efeito, a *divina providência* é uma espécie de irmã gémea do *espírito do mundo* e da *humanidade*, abstracções apostadas em considerar que é a história que faz o homem. De facto, com os ideologismos proveninetes de certa leitura de Santo Agostinho, reconsidera-se, contra a ideia de racionalidade do homem, que o fim do homem ultrapassa a história, que o sentido último da história é traçado por Deus e, portanto, impenetrável para o homem; que a história, entendida como a luta do pecado contra a redenção, é consequência da divina providência e já não da deusa Fortuna. Temos assim que só passou a haver política quando se concebeu uma *metapolítica*, quando tratou de se fazer depender a *polis* de um fim, de uma razão, de uma ideia suprapositiva. Quando a *polis* deixou de ser apenas *ordem* e tratou de subir à categoria de *governança*, onde o *reger* é caminhar para um certo fim, é pilotar, conduzir o navio a um determinado ponto futuro.

•Outro contributo vem do movimento

Abrantes (30 de Junho de 1984). Ramalho Eanes admite, finalmente, que poderá formar um partido político, mas apenas depois de completar o mandato presidencial (9 de Dezembro de 1984). Assembleia da República aprova moção de censura do PRD ao governo de Cavaco Silva (3 de Abril de 1987).

- Convenção do PRD; demissão de Eanes e eleição de Hermínio Martinho para a presidência (29 de Maio de 1988). Hermínio Martinho demite-se da liderança do PRD (17 de Janeiro de 1990).

- Pedro Canavarro, presidente do PRD na V Convenção do partido, rejeitando a respectiva extinção (2 de Junho de 1991).

#### **Partido Socialista**

- O conflito entre Mário Soares e a maioria do secretariado nacional do PS atinge o rubro (20 de Junho de 1980), nomeadamente com a disputa para a liderança do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, financiado pela Fundação Friedrich Erbert.

- Na altura, Soares reúne com frequência com os seus fiéis, numa espécie de *gabinete de guerra*, onde participam, entre outros, Maldonado Gonalves, Jorge Campinos, Eduardo Pereira, Menano do Amaral, Fernando Barroso, Rui Mateus, Walter Rosa, Almeida Santos e António Campos.

- Do lado do secretariado, estão Salgado Zenha, Guterres, Henrique de Barros, António Sousa Gomes, Teresa Ambrósio, Vítor Constâncio, Jorge Sampaio, Ribeiro dos Santos e António Reis, apoiados por Oliveira Cruz, Rui Vilar, Pedro Luzes e Miguel Caetano. Soares decide auto-suspensão de funções no PS, por discordar do apoio a Eanes, assumido pela maioria do secretariado do partido, principalmente por Salgado Zenha (18 de Outubro de 1980).

- No IV Congresso do PS, no Coliseu do Recreios em Lisboa, com reeleição de Mário Soares (13 de Maio de 1981), o grupo do secretariado não apresenta alternativa e a nova direcção fica inteiramente soarista, em nome da moção *Novo Rumo para o PS*. Soares é reeleito com 72% dos votos, mas a respectiva moção de estratégia apenas consegue 62% contra os 34% da do ex-secretariado.

- Constituída uma direcção homogénea de soaristas, com Jorge Campinos, António Campos, Mário Cal Brandão, Manuel Tito de Morais, Raúl Rego, António Macedo, Teófilo Carvalho Santos, Fernando Vale, Francisco Ramos da Costa, Joaquim Catanho de Meneses, Eduardo Pereira, Walter Rosa, Rui Mateus e Jaime Gama. (10 de 1981).

- Socialistas reúnem 12 congressos distritais. Vitória esmagadora dos soaristas, à excepção de Braga (12 de Fevereiro de 1984).

- Vítor Constâncio assume o cargo de secretário-geral (20 de Junho de 1986). Demite-se da liderança do PS (27 de Outubro de 1988). Sucede-lhe Jorge Sampaio.

#### **A procura da moderação**

- Outro equívoco tem a ver com o termo moderado, como oposto a radical. Moderação vem do latim *moderatio*, do verbo *moderari*, moderar ou temperar, sendo equivalente à virtude grega *sophrosine*, o autocontrolo. Segundo Platão, quem tem esta virtude subordina o desejo de prazer aos ditames da razão, aproximando-se da ideia de *mesotes*, o meio-termo entre vícios extremos que, em Roma, deu origem à *aurea mediocritas*, ao *in medio virtus est*.

desencadeador do chamado liberalismo ético do moralismo escocês, com Adam Ferguson (1723-1816), em *An Essay on the History of Civil Society*, de 1767, onde se referem fenómenos *resultantes da acção do homem, mas não da sua intenção*, e Adam Smith (1723-1790) que fala numa ordem comandada por uma espécie de *mão invisível*, onde o homem *através de meios não desejados por ele, nem projectados por ninguém, é levado a promover resultados que, de maneira nenhuma, fazem parte das suas intenções*.

- Neste sentido, podemos dizer que *não é a história que faz o homem*, mas antes o *homem que faz a história*, acrescentando, contudo, como Alexis de Tocqueville (1805-1859), que os homens fazem a história, sem, no entanto, saberem a história que vão fazendo, dado que balouçam entre o *acaso* e a *necessidade*.

- Ser liberal hoje, antes de ser um doutrinário ou um ideólogo, fiel aos manuais de escola, e mais do que constituir uma espécie de brasão de família, que se ostenta em nome da tradição histórica, constitui, sobretudo, um estado de espírito universal.

- Se na URSS e nos países que o PCUS satelitizou o choque desse *estado mental* obrigou à *glasnot* e à *perestroika*, cá mais para o Ocidente, ele constituiu fundamental fonte de inspiração para todos os que sentem a necessidade do estabelecimento de uma alternativa ao *Welfare State*.

- A mentalidade liberal é, hoje, um fundo comum de valores que, como valores que são, têm algo de permanente, sendo simultaneamente clássicos e modernizadores.

- O termo sociedade aberta, consagrado por Karl Popper em 1945, equivale à perspectiva de *grande sociedade* de Adam Smith. Segundo o próprio Popper, a expressão foi inventada por Henri Bergson em 1932, por oposição a uma sociedade fechada, entendida como aquela pequena comunidade, compacta, marcada pela relação *face to face*.

Popper considera, aliás, que os grandes inimigos da sociedade aberta são os fundadores daquilo que qualifica como *historicismo*, de Platão a Santo Agostinho e de Hegel a Marx, salientando que a sociedade fechada é marcada por uma perspectiva anticientífica, mágica e tribalista, enquanto na sociedade aberta domina o uso da razão crítica.

Apesar do atraso, Popper também foi um dos semeadores da nossa tímida liberalização e, embora poucos o tenham introspectado, muitos consideraram-no como um elemento da moda, uma espécie de sinal exterior de intelectualidade, que se utilizaria para desgarradas citações.

Acontece que certo dia, ao visitar a biblioteca do antigo serviço público da *propaganda* e da *censura*, deparei com a primeira edição da fundamental obra filósofo: *The Open Society and its Enemies*, publicada em Londres no ano de viragem de 1945. O exemplar em causa, apesar de, na referida biblioteca, sempre ter estado à mão de semear, estava coberto por poeira com algumas décadas. Arrumado, catalogado e indexado, a ideia de sociedade

●No plano político, conduz à defesa do regime misto, do centrismo e da própria mesocracia, defensora do governo da classe média. Diz-se hoje da atitude política que procura um equilíbrio capaz de evitar os extremismos na realização de uma ideia ou na aplicação de uma norma, opondo-se ao extremismo, ao maximalismo e ao radicalismo.

●O moderado aparece assim como o contrário do radical, como aquele que não é extremista, equivalendo ao conceito de centrismo, isto é, o que está entre a direita e a esquerda e não quer produzir uma mudança fundamental na sociedade.

●Nos primeiros tempos do nosso liberalismo, nomeadamente em 1826, os *moderados* são aqueles que se opõem aos *avançados*, acusados por estes de serem *conservadores*, enquanto qualificam os segundos como *radicais*. Foi assim com o primitivo cartismo de 1826, quando se gerou a dialéctica entre o moderado Palmela e o avançado Saldanha. Voltou a ser como tal no processo revolucionário de 1975, quando assumem a qualificação de *moderados* os membros do Conselho da Revolução que se opõem aos gonzalvistas e se distanciam dos extremistas liderados por Otelo Saraiva de Carvalho.

#### A esquerda à procura da social-democracia

●A social-democracia é uma forma de socialismo democrático, defensora do pluralismo, da metodologia reformista não revolucionária e do intervencionismo do Estado nos domínios da economia e da sociedade, mas onde o pragmatismo supera a ideologia e a ideia de crescimento prepondera sobre a ideia de igualdade. O modelo não tem um *pai-fundador* no plano doutrinário, albergando várias matrizes, desde o socialismo dito utópico e cooperativo ao próprio revisionismo marxista. Nasce, sobretudo, da experiência de certos partidos e movimentos políticos, sendo paradigmática a via seguida pelo SPD alemão quando, na última década do século XIX, decidiu aproveitar-se do sufrágio universal e ter uma intervenção política parlamentar, de acordo com as regras do jogo da formal democracia representativa.

●Outro paradigma é o estilo de gestão do *Welfare State* seguido pelo partido social democrata sueco a partir da década de trinta do século XX, graças, sobretudo, à liderança de Tage Erlander.

●Depois de 1945 a social democracia assume-se como uma das principais forças políticas gestoras das democracias europeias ocidentais, alinhando claramente contra o sovietismo, nomeadamente o SPD refundado na RFA por Kurt Schumacher, partido esse que no Congresso de Bad Godesberg de 1959 consagrou o abandono formal dos restos programáticos do marxismo, assumindo a conciliação com os liberais e defendendo o modelo da economia de mercado.

●Miguel Reale qualifica-a como *ideologia omnibus, destinada a abrigar quem não se defina como liberal, conservador ou aquele que se apegue ao status quo, qualquer que ele seja*. Aliás, no Brasil, Fernando Henrique Cardoso assumirá a social-democracia, invocando a herança de Gramsci, juntando os adeptos do *socialismo liberal*, com os *liberais-socialistas* (este o qualificativo assumido por Norberto Bobbio).

●Em Portugal, a forma teve êxito e talvez se

aberta jazia numa estante fechada.

Se furou o bloqueio do autoritarismo português naquele pós-guerra, se não foi retirado da possibilidade de consulta, ficou, assim, por inércia, incomunicável, à espera que outros *ventos da história* o viessem libertar do esquecimento.

Na verdade, Portugal é um pouco como este acaso. Deixamos entrar a semente da *sociedade aberta*, mas preferimos encaderná-la, asfixiando-a numa redoma. Se somos lesto a adaptar epidermicamente novas ideias, sobretudo quando as mesmas assumem a agressividade da moda, depois, não as adoptamos em profundidade, como elemento fecundante das nossas circunstâncias.

Deixamos as ideias originais nas estantes da erudição e apenas as utilizamos indirectamente através de dicionários de citações. Não as deixamos crescer por dentro de nós, dialecticamente, dado que se mantém que proclama como verdade aquilo que é contrário ao erro e erro aquilo que é contrário à verdade, numa concordância tácita com o modelo do absolutismo inquisitorial.

●Um liberal, ontem, hoje e sempre, é aquele que quer opor barreiras à tendência natural que o poder tem para se concentrar. É aquele que teme pela circunstância do aparelho de Estado ser grande demais, a nível doméstico, clamando pela desconcentração, pela descentralização e, às vezes, pela regionalização. Logo, o liberal tem que ser o primeiro a reclamar uma efectiva separação de poderes, para que o poder trave o poder, para que, aos aceleradores inevitáveis da lógica concentracionária, se oponham os travões do Estado de Direito.

●Contudo, o liberal não deixa de conceber o Estado como uma parcela daquilo a que os clássicos chamam sociedade civil, ou sociedade dos cidadãos (*civile* é um adjectivo vindo de *cives*, isto é, cidadão, o que pertence à *civitas*, tal como *político* vem de *polis*), enquanto sinónimo de sociedade política, esse círculo maior onde o Estado é apenas um dos círculos menores que a integram. Porque se *o Estado está acima do cidadão e o Homem acima do Estado* (Fernando Pessoa), a sociedade dos cidadãos, enquanto comunidade política, é bem maior que o Estado, enquanto aparelho de poder.

●Ai do liberal que caia no vício do situacionismo, que perca esse inconformismo clássico de quem deve continuar saudoso da república romana ou dos foros medievais. Por isso é que o liberal prefere a igualdade à liberdade, onde a igualdade não é igualitarismo, mas antes o sinónimo de justiça, do tratar desigualmente o desigual. Por outras palavras, e invocando Alexis de Tocqueville, o liberal não confunde a democracia com a tirania dita democrática, de que foram exemplos os modelos do terror jacobino de Robespierre, em nome da *deusa-razão*, ou da ditadura da maioria de Adolf Hitler, em nome do *Volk*.

●Para um liberal, o poder tem que ser um poder efectivamente político, tem que existir no seio da sociedade, nunca pode ser alguma coisa de exterior à sociedade e que a oprima.

compreendam as contradições doutrinárias daquele partido que obteve em Portugal duas maiorias absolutas sucessivas. Começou em 1985 por declarar-se *social democrata à alemã*, à maneira de Bernstein, para, depois, se assumir como da *esquerda moderna* (quando dialogou e integrou alguns dos líderes do Clube da Esquerda Liberal), antes de se filiar no grupo parlamentar europeu dos liberais e reformistas e de proclamar-se como do *centro*, aberto à direita, à esquerda, ao meio e aos extremos da direita e da esquerda, isto é, a todos quantos se convertessem ao apoio do respectivo líder e sufragassem o governo da *modernização* de Portugal.

• Aliás, não tardou que o partido em causa atingisse o cúmulo da abrangência, quando foi recebido no Partido Popular Europeu, de matriz democrata-cristã, mas já então aberto a conservadores e à direita liberal, com a liderança de Marcelo Rebelo de Sousa e a integração de Francisco Lucas Pires, depois deste abandonar o CDS e não poder assumir as funções de curador da Fundação do Oriente, para onde Mário Soares preferiu um colega de pós-guerra e de senatorialismo..

• Tal enquadramento *pigliatutti* permitiu que a ascensão de Cavaco Silva ao poder maioritário exprimisse uma espécie de revolta popular contra os excessos ideológicos da revolução e da pós-revolução. Só que o exagero de pretensão anti-ideologia acabou por ser tão nefasto, entediante e infecundante, quanto a prévia embriaguez de ideologismos esquerdistas.

• Com efeito, a moda anti-ideológica do cavaquismo trouxe consigo uma onda de ideologias inequivocamente ultrapassadas, desde o positivismo utilitarista do século XIX, que até tinha como divisa a *ordem e o progresso*, à ideologia tecnocrática do século XX.

• Talvez não seja este o bom caminho para a política portuguesa, principalmente quando nos tornámos em simples parcela, quase fungível, do espaço supra-estadual e supra-nacional daquele projecto europeu que não quer apenas construir um mercado comum ou um mercado único, mas também uma união política. Porque se não praticarmos o nosso *direito à diferença*, reforçando a identidade cultural dos portugueses, mesmo no domínio das ideologias e das doutrinas políticas, corremos o risco de ser colonizados por cosmopolitismos ideológicos e doutrinários, sempre à procura de espaços culturais vazios. Se continuarmos mero receptáculo de vulgatas ideológicas estrangeiradas, poderemos transformar-nos num brutal sucedâneo do *caixote de lixo da história*, num espaço laboratorial, onde se vão experimentando remédios que os autores originais não querem aplicar nos respectivos espaços culturais.

• Corremos até o risco de nem sequer nacionalizarmos essas tendências importadas, perdendo definitivamente o direito de pensarmos pela nossa própria cabeça, cedendo à pior das formas de agenciamento colonizador, que é a colonização cultural.

• O problema está em que fazemos isto ao mesmo tempo que proclamamos o ecologismo da defesa do buraco do ozono ou da conservação da paisagem, esquecendo que a primeira exigência de uma autêntica ecologia é a reivindicação do direito à diferença cultural, com a consequente necessidade de *cada*

• O poder não tem que ser exterior ao corpo social, actuando sobre ele e obrigando-o a marchar num determinado sentido. O poder tem que estar no interior da sociedade civil, tem que circular no seio de um povo que exprime a sua liberdade através do sufrágio universal.

• A comunidade política é superior ao aparelho de poder. Logo, para um liberal, a verdadeira democracia é uma democracia social, o governo da sociedade civil, o processo pelo qual a liberdade emerge da igualdade social e contribui para manter essa igualdade. Neste sentido, a igualdade é superior à liberdade, porque a vantagem da democracia não é, como se diz, favorecer a prosperidade de todos, mas apenas servir para o bem-estar do maior número, o que se consegue produzindo a igualdade social, através da difusão da propriedade por uma classe média cada vez maior.

#### **Centro Democrático Social**

• IV Congresso do CDS, com reeleição de Freitas do Amaral (27 de Março de 1981).

• V Congresso do CDS (20 de Fevereiro de 1983), com Lucas Pires a ser eleito novo Presidente do partido num Congresso realizado em Lisboa no Teatro Maria Matos. Assume aquilo que designa como *nacionalismo liberal*, derrotando uma lista herdeira do anterior situacionismo freitista que aparece liderada pelo ministro Luís Barbosa. É então apoiado por Adriano Moreira que, depois de ter sido convidado para deputado por Bragança, assume as funções de presidente do conselho nacional do partido, naquilo que tenta conceber como a *conspiração de avós e netos*, numa citação de uma frase de Sarmiento Rodrigues, a que costumava recorrer.

• Apesar da esquerda institucional manter com o novo líder um saudável bom relacionamento, são os militantes do CDS afastados pela disputa do poder que o vão qualificar como fascista. Contudo, o ministro da Cultura da AD, é o primeiro político, líder de um partido, que não tem pejo de qualificar-se como da direita. Lucas Pires congrega uma série de jovens quadros e de universitários defensores da perspectiva liberal, influenciado pelas experiências de Reagan e Thatcher, no chamado Grupo de Ofir (Junho de 1984).

• Adriano Moreira assume a liderança do CDS, num Conselho Nacional. Tem apoio de alguns antigos membros da direcção pirista, mas oposição dos freitistas (10 de Novembro de 1985). Já em funções presidenciais, vence o congresso do partido realizado no Teatro Rivoli no Porto, derrotando uma lista liderada por Morais Leitão que, então, conta com o apoio de Diogo Freitas do Amaral e de Paulo Portas, os quais aparecem como uma espécie de representantes do PSD no processo.

• Congresso do CDS na Póvoa do Varzim (31 de Janeiro de 1988), com Adriano Moreira, apoiado pela CIP, a patrocinar o regresso de Diogo Freitas do Amaral à presidência. Na altura, chegou a oferecer-se a liderança deste alvará de um partido de direita a Daniel Proença de Carvalho.

#### **Nova Direita**

• Lançada a edição de *Nova Direita, Nova Cultura*, da autoria de Alain Bénoist, por Fernando Ribeiro de Melo. Prefácio de José

*pensamento ter uma pátria*, de cada democracia, e de cada Estado, se inserirem no *chão moral* da respectiva história.

#### Partido Comunista

● O PCP continuava a ser mais do que um simples partido. Tinha algo das seitas religiosas, com dogmas, santos, hereges e celebrações litúrgicas; possuía o comando e a disciplina de uma força armada; adquirira ritmo empresarial, com empregados,



despedimentos e até gestores; era um doutrina e tinha uma força. Era um *estado* fora do Estado que tinha algo das ordens corporativas e das irmandades medievais. Herdeiro do iniciatismo e da clandestinidade maçónicas, tinha como principais rivais, não os demais partridos, mas as instituições que, na sociedade civil, representavam os poderes religiosos, culturais e económicos. Assim, uma qualquer mudança neste universo hermético obedecia ao ritmo de um tempo quase canónico, onde, antes de se chegar ao concílio do *aggiornamento*, havia que convencer as sagradas congregações defensoras da fé e os vigilantes do templo.

● PCP e MDP assinam acordo visando reconstituir a APU (6 de Maio de 1980).

● Surge o Movimento Ecologista *Os Verdes* (8 de Setembro de 1982). Depressa irão ser estigmatizados em virtude da sua aliança com o PCP. Surge mesmo uma alegoria hortícola que os alcunha de melancias: *verdes por fora, mas vermelhos por dentro*.

● Vital Moreira<sup>27</sup> critica a direcção do PCP (16 de Janeiro de 1988).

● Zita Seabra afastada da comissão política do PCP (6 de Maio de 1988).

#### Forças Populares 25 de Abril

● Anunciada a formação das *FP25*, as *Forças Populares 25 de Abril* (20 de Abril de 1980). Em 3 de Fevereiro de 1981 lançam bomba contra o Banco do Brasil. Nova bomba em Felgueiras (27 de Setembro de 1981). Liquidam gestor em Sacavém em 6 de Outubro de 1982. Assassina director-geral dos serviços prisionais em 15 de Fevereiro de 1986. Começam a ser julgadas em 3 de Outubro de 1986. Otelo é condenado a 15 anos de prisão em 20 de Maio de 1987.

#### Política Operária

● Grupo de reflexão marxista fundado em 1985 por Francisco Martins Rodrigues após a expulsão da *UDP* e do *PCP(R)*, devido a divergências com uma direcção encabeçada por Eduardo Pires.

● Publica uma revista comunista, a *Política Operária*, desde 1986.

Miguel Júdice (14 de Setembro de 1980).

#### Ordem Nova

● Surge o movimento Ordem Nova (23 de Fevereiro de 1981) onde se integra Paulo Teixeira Pinto, futuro membro do governo de Cavaco Silva e destacado dirigente do PSD, antes de passar a funcionar como alto responsável do BCP, de Jardim Gonçalves, também, como ele, membro do *Opus Dei*.

#### Nova Monarquia

● Lançado o *Movimento Nova Monarquia* em conferência de imprensa (7 de Outubro de 1983). Terá como principal líder Miguel Castelo Branco, tendo integrado as listas do CDS em 1987.

#### Almoços da Casa Branca

● A partir de 1983, grupos de direita organizam almoços comemorativos do 28 de Maio no restaurante Casa Branca, perto de Vila Nova de Gaia, com Pedro Soares Martinez, Rodrigo Emílio, António Manuel Couto Viana e António José de Brito.

#### Movimento de Acção Nacional

● Grupo de extrema-direita com ligação aos *skinheads*, surgido em 1986 e declarado como extinto pelo Tribunal Constitucional em 1992. Tem como principal dirigente Luís Paulo Henriques, invocando o *racionalismo*.

#### O Independente

● Semanário com a direcção de Miguel Esteves Cardoso e Paulo Portas (20 de Maio de 1988).

● Sustentado financeiramente por Miguel Pais do Amaral e gerido por Luís Nobre Guedes, apoia a liderança de Manuel Monteiro no Partido Popular, até assumir o controlo do partido.

#### Nova Direita

● Nova direita é uma expressão inventada pela esquerda anglo-saxónica da década de oitenta do século XX que serve para qualificar uma série de movimentos neo-liberais e neo-conservadores (*new-right*). Neste universo, há, pelo menos, três famílias abrangidas: os neo-liberais, marcados pelas teses de Hayek, Popper e Milton Friedman; os neo-conservadores, influenciados por Roger Scruton, em torno da *Salisbury Review*, e William Buckley, em torno da *National Review*; e os libertários defensores do anarco-capitalismo, com Robert Nozick e Murray Rothbard.

● Já no âmbito da cultura política francesa, a expressão *nouvelle droite* foi assumida por um grupo restrito de tendências neo-organicistas e próximo do neo-fascismo, federado por Alain de Benoist. Por seu lado, *nova esquerda* qualifica uma série de movimentos nascidos nos finais da década de cinquenta e principalmente nos anos sessenta do século XX, também no universo anglo-americano. Dita *new left*, também assume a designação de *new radicals*, cobrindo-se os movimentos ditos de *contra-cultura*, um caldo ideológico em que assentam os movimentos estudantis dos finais da década de sessenta. Associam-se ao processo ideológico do neo-marxismo assumido pela Escola de Frankfurt e ao renascimento analítico das teses de Lukacs, Gramsci e Althusser. Contudo, o principal doutrinador do movimento será Herbert Marcuse, atingindo o seu clímax com o *Maio de 1968* francês. Insurgem-se contra o sistema (*establishment*), defendendo a necessidade de uma *democracia*

*participativa.*

Em idênticas ondas vagueiam os chamados *novos filósofos*, designação assumida por um conjunto de autores franceses dos anos setenta, com destaque para Bernard-Henri Lévy e André Glucksmann. Os chamados *filhos do Maio de 68* que, pouco mais que uma década volvida, tratam de repensar os fundamentos da respectiva ilusão revolucionária que chegou a ser maoísta e trotskista.

Com efeito, é em 1975, que desencadeiam um vigoroso ataque aos fundamentos do próprio marxismo e tratam de denunciar os esquemas do totalitarismo soviético e chinês que dele foram consequências.

Herdeiros do pessimismo de Adorno e Horkheimer, criticam Marx e Saint Just, invocando Sartre e Rousseau. Desta maneira, assumem uma espécie de contrapoder que, apesar de ser *biologicamente de esquerda*, como confessa Lévy, os não impediu de uma profunda crítica, tanto ao estalinismo como ao próprio socialismo, enquanto formas institucionalizadas de poder.

Tal como Marcuse consideram que a imaginação pode conduzir, como na arte clássica, à reconciliação entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, mantendo, deste modo, no plano da filosofia, o frustrado grito de revolta do Maio de 1968: *l'imagination au pouvoir.*

Glucksmann, Lévy e Jean-Marie Benoist assumem o regresso a Rousseau. Foucault reinterpreta Marx conforme Freud. Deleuze e Lyotard misturam Marx e Nietzsche, enquanto Poulantzas reassume a teoria marxista de Estado, reinterpretando Marx à luz de certas pistas lançadas por Trotski e Gramsci.